

# Boletim do Portal

## História da Psicologia 4



*Organizadores*

André Elias Morelli Ribeiro

Júlia Lombardi Carneiro

Arthur Arruda Leal Ferreira

Marcus Vinícius do Amaral

Gama Santos



© 2025

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da Editora do Portal História da Psicologia

### **Equipe de realização**

**Editor Responsável:** André Elias Morelli Ribeiro

**Revisão final:** André Elias Morelli Ribeiro e Júlia Lombardi Carneiro

**Capa:** André Elias Morelli Ribeiro, com imagens geradas por inteligência artificial (Gemini 3 Pro)

**Projeto gráfico e diagramação:** Thaís Souza dos Santos

Ficha catalográfica elaborada por Camila Aparecida Rodrigues -  
Bibliotecária CRB SP-010133/O

Boletim do portal história da psicologia 4 [livro eletrônico] / organização André Elias Morelli Ribeiro ... [et al.]. -- Rio das Ostras, RJ : Portal História da Psicologia, 2025. -- (Boletim do Portal ; 4)

PDF

Outros organizadores: Júlia Lombardi Carneiro, Arthur Arruda Leal Ferreira, Marcus Vinicius do Amaral Gama Santos.

Vários autores.

Bibliografia.

DOI 10.5281/zenodo.18098476

ISBN 978-65-997325-8-4

1. Artigos - Coletâneas 2. Psicologia  
3. Psicologia - História 4. Psicologia - Pesquisa  
5. Publicações científicas I. Ribeiro, André Elias Morelli. II. Carneiro, Júlia Lombardi III. Ferreira, Arthur Arruda Leal IV. Santos, Marcus Vinicius do Amaral Gama V. Série.

# Síndrome de Estocolmo

Ana Carolina Carvalho dos Santos

Laís de Melo Santos

Lara Guimarães Santana

Maria Eduarda de Souza Sampaio

Mariana Dumard Carracena Candido

Júlia Lombardi Carneiro

A Síndrome de Estocolmo é uma teoria criada pelo psiquiatra sueco Nils Bejerot em 1973, após o caso do assalto ao banco de Kreditbanken, em Estocolmo, na Suécia, onde foram feitos 4 reféns, durante 6 dias. A teoria foi criada com o intuito de justificar o afeiçoamento das vítimas, em especial por Kristin Enmark, pelos criminosos Jan-Erik Olsson e Clark Olofsson. A vítima se tornaria a primeira pessoa a ser diagnosticada pela teoria. A Síndrome de Estocolmo ficou conhecida mundialmente pela sua constante presença na mídia e utilização em casos judiciais, porém nunca foi oficialmente reconhecida pela comunidade científica internacional, apesar do grande debate científico acerca da legitimidade da teoria, tendo diversos profissionais contra e a favor do reconhecimento. As principais críticas são sua falta de critérios científicos claros, generalização dos casos e culpabilização das vítimas.

## **História**

### **Contexto histórico**

Nas décadas de 60 e 70 surgiram mudanças significativas sociais e políticas, principalmente na Europa Ocidental. Nessa época, houve o aumento de movimentos contraculturais que lutavam pelos direitos civis e promoviam o movimento hippie, além disso, houve também o crescimento do sentimento de desconfiança da sociedade em relação às autoridades como a polícia e os governos. Esse cenário foi influenciado pela cobertura midiática da Guerra do Vietnã durante a Guerra Fria, uma vez que expôs os horrores da guerra impactando diretamente a visão da sociedade sobre a violência

É nesse contexto que a repercussão do caso de Estocolmo e, conseqüentemente, a criação da chamada “Síndrome de Estocolmo” ganha significado. Os acontecimentos culturais, políticos e sociais daquela época não só influenciaram a forma como o caso foi interpretado internacionalmente, mas também moldaram a investigação sobre o assunto, ampliaram seu alcance e contribuíram para sua consolidação na cultura popular (filmes, livros, séries)

### **O caso de Norrmalmstorg**

No dia 23 agosto do ano de 1973 ocorreu uma tentativa de roubo ao banco Kreditbanken, um dos maiores de Norrmalmstorg, Estocolmo, Suécia. Jan-Erik Olsson entrou no banco com uma submetralhadora em uma das mãos e uma lona contendo munição reserva, explosivos, detonadores, um rádio

transmissor, espoletas de segurança, pedaços de corda, uma faca e dois walkie-talkies.

Ele disparou um tiro para o alto e gritou em inglês “A festa acaba de começar”. Um dos funcionários apertou o botão de emergência assim que o viu, e pouco tempo depois a polícia já estava no local. Uma autoridade entrou no banco para negociar com o criminoso, que exigiu que seu antigo companheiro de cela, Clark Olofsson, fosse levado ao local, duas pistolas, três milhões de coroas suecas e um carro de fuga, no qual escaparia com os reféns, todos usando capacetes e coletes à prova de bala fornecido pela polícia. Em uma entrevista, ele afirmou que não tinha dúvidas de que seus pedidos seriam atendidos, visto que a Suécia tinha aversão à violência e que estava em período de campanha eleitoral.

Apesar de Olofsson ter sido preso diversas vezes por roubos e ser um criminoso perigoso, os policiais consentiram que ele entrasse para que ajudasse a proteger os reféns e para mediar a comunicação de Olsson com a polícia, prometeram que sua pena seria reduzida em alguns anos se ele cooperasse. E no meio da tarde, Clark Olofsson é levado ao banco, algemado, pelas autoridades. Com sua chegada, os reféns relataram que Jan se acalmou, parou de gritar e ficou menos agressivo.

### **Primeiro dia**

No primeiro dia de cerco, quando os assaltantes colocaram as vítimas dentro de um dos cofres, Elizabeth, uma das funcionárias do banco, afirmou que estava se sentindo claustrofóbica. Olsson amarrou uma corda com cerca de 9 metros

em seu pescoço para que ela pudesse se locomover em uma pequena área. Em uma entrevista, ela afirmou: “Eu não conseguia ir longe e estava presa na coleira que ele segurava, mas me sentia livre. Lembro-me de achar que ele foi muito gentil em me deixar sair do cofre.” (Lang, 1974, n.p., tradução nossa)<sup>79</sup>

Mais tarde, naquele mesmo dia, o criminoso permitiu que um grupo fosse ao banheiro sem supervisão. Ao retornarem, viram policiais escondidos no andar onde os prisioneiros estavam. Os reféns relataram que entraram em conflito, uma vez que poderiam sair com os policiais e encerrar aquele momento de medo, mas isso colocaria em risco a vida dos seus colegas que ainda estavam sob a coação dos assaltantes. Por isso continuaram com os assaltantes ao invés de ir com as autoridades. Olsson também permitiu que as mulheres ligassem para suas famílias para que ficassem mais calmas e dar notícias a eles. Contudo, algumas horas depois, amarra dinamite em volta dos pés de Elisabeth para usá-la de escudo humano, caso a polícia tentasse invadir o cofre onde iam passar a noite.

### **Segundo dia**

No segundo dia de cerco, as autoridades pediram para verificar a saúde dos reféns, enviando um comissário para observar cada uma das vítimas no andar onde elas estavam e ele relatou aos repórteres a maneira como eles tratavam Clark de forma descontraída, e não como alguém que ameaçava suas vidas. Em uma ligação com o primeiro-ministro, Olof Palme, Kristin

---

<sup>79</sup> “*I couldn’t go far and I was on a leash that he held, but I felt free. I remember thinking he was very kind to allow me to leave the vault.*”

afirmou confiar plenamente em Clark e no ladrão, mas tinha medo do que a polícia fizesse algo que machucasse ela e seus colegas.

Ela também pediu que o ministro deixasse que fossem embora com os criminosos, que planejavam sair do banco com os reféns e com um carro que a polícia tinha fornecido, pois acreditava que, dessa forma, tudo correria bem e ninguém sairia machucado. Nessa mesma ligação, confronta Olof, afirmando que a polícia já havia mentido diversas vezes, por exemplo quando disseram que não enviaram policiais ao térreo do banco, local onde os assaltantes estavam instalados, e Clark ao caminhar encontrava alguns guardas pelo andar.

Birgitta, uma das reféns, revelou que, em conversas com Olsson, ele confessou que tinha dois filhos, mas não os via há dois anos por conta de sua vida criminosa. Ele disse entender como ela estava se sentindo naquela situação. Durante a entrevista, Brigitta afirmou que, no momento, pensou e ainda pensa que, se ele soubesse que ela também era mãe, talvez não a tivesse feito refém.

Sven, um solucionador de problemas do banco, que foi achado escondido, contou que, em certo momento, Olsson o chamou e disse que atiraria em sua perna, não para matá-lo, mas para desesperar a polícia, aumentando as chances de fuga. Então eles combinaram que, ao sinal do sequestrador, Sven se posicionaria de forma que pudesse ser visto pelas autoridades externas e levaria o tiro, mas o sinal nunca chegou. Após o assalto, conversando com um jornalista, disse achar “gentil” da parte do assaltante atirar apenas na perna dele, quando poderia

matá-lo, mas precisava se lembrar constantemente de que sua vida havia sido ameaçada.

### **Terceiro dia**

No terceiro dia, os reféns e os assaltantes dormiam dentro do cofre à prova de som. Quando a polícia tentou invadir o banco e chegar ao cofre, encontraram Elisabeth ainda com explosivos amarrados aos pés, o que impediu o avanço dos policiais.

"Desde o momento em que Jan me fez refém, tive medo de que ele me matasse de repente, mas agora era da polícia que eu tinha medo — ainda mais do que quando falei com o Primeiro-Ministro. Eu me sentia sem esperança. Que diferença fazia, eu me perguntava, qual deles me mataria?" (Land, 1974, n.p., tradução nossa)<sup>80</sup>, relatou Kristin a um jornalista.

Nesse momento, se torna claro a confusão emocional gerada pelo sequestro, que pode ser interpretada como uma reação humana normal diante a situações de estresse extremo e não necessariamente representam um distúrbio mental.

Após essa tentativa, os sequestradores se trancaram no cofre, começaram a fazer suas necessidades ali mesmo e passaram a recorrer uns aos outros para suportar a solidão. Kristin conta que tinha pesadelos durante a noite e acordava com Clark tentando acalmá-la. Disse também que, às vezes, dava as mãos ao

---

<sup>80</sup> *“From the moment Jan made me his hostage, I was afraid he would suddenly kill me, but now it was the police I was afraid of—even more so than when I had talked with the Prime Minister. I felt hopeless. What difference did it make, I asked myself, which one of them did away with me?”*

criminoso pois isso a fazia se sentir menos sozinha, mas deixou claro que nunca houve um relacionamento entre eles.

No mesmo dia, houve uma ligação entre os negociadores e os assaltantes. Eles pediram algumas coisas, dentre elas que as meninas fizessem uma ligação para seus parentes, já que as linhas telefônicas para fora do banco estavam bloqueadas. Esse pedido foi negado, e as vítimas começaram a temer que a polícia iria matar todos que estavam dentro do cofre e colocaria a culpa nos assaltantes.

### **Quarto dia**

Durante o quarto dia de sequestro, há um aumento nas tensões entre os reféns e as autoridades. A convivência tensa entre os reféns e os sequestradores começou a virar parte da rotina deles dentro do cofre. Kristin e Elisabeth chegaram a contar que Olsson e Clark conversavam com elas sobre suas famílias. Ocorreu também momentos em que Clark, por exemplo, chegou a consolar uma das mulheres, quando ela teve uma crise emocional. A partir disso, fica claro que essas pequenas atitudes evidenciam como o clima oscilava entre medo e cumplicidade.

Neste dia, a polícia iniciou uma nova estratégia: começaram a perfuração de buracos no teto do cofre. O objetivo era acompanhar exatamente o que estava acontecendo dentro do cofre sem precisar abrir a porta. Cada buraco demorava cerca de horas para ser feito e o ruído da perfuração gerava desconforto e medo entre os reféns. Kristin chegou a admitir que não sabia o que viria dali, e que esse sentimento de não saber o que esperar a deixava em pânico.

### **Quinto dia**

No quinto dia as coisas começam a mudar. Segundo os relatos dos próprios reféns, a cada buraco novo feito no teto do cofre, o medo e a insegurança só aumentam, porém não em relação aos assaltantes, era da polícia que os reféns tinham mais medo agora.

No decorrer do dia as autoridades seguiam com as perfurações e se preparavam para intervir diretamente, com o objetivo de jogar gás lacrimogêneo e liberar os reféns

### **Sexto dia**

Foi no sexto dia que ocorreu o desfecho do sequestro. A polícia sem aviso prévio liberou o gás lacrimogêneo por todos os sete buracos feitos no teto do cofre dias antes. O gás se espalhou rapidamente, reféns e sequestradores começaram a tossir e sufocar. Kristin afirmou que naquele momento não sabia quem representava maior perigo.

Minutos depois, com o cofre tomado pelo gás, Olsson gritou que estava se rendendo. A porta do cofre foi aberta e os policiais ordenaram que os reféns saíssem primeiro. No entanto, para surpresa das autoridades, os reféns se recusaram a sair antes, alegando que temia que a polícia atirasse nos sequestradores. Assim, diante da resistência dos reféns, os policiais permitiram que os sequestradores saíssem na frente. Após a libertação, reféns e sequestradores trocaram abraços. Juntos, eles deixam o cofre, com Olsson e Clark na frente, cena que chocou tanto a mídia quanto as próprias autoridades.

## **A criação do termo “Síndrome de Estocolmo”**

Foi nesse contexto que Nils Bejerot, criminologista e psiquiatra sueco, foi convidado pelo FBI para acompanhar o assalto, para auxiliar as negociações e observar o comportamento dos reféns durante os 6 dias de cerco. Ele utilizou o termo “Síndrome de Estocolmo” para descrever o comportamento peculiar em que as vítimas demonstravam sentimentos de empatia e solidariedade pelo seu captor. Bejerot interpretou esse comportamento como uma forma de sobrevivência inconsciente. Em situações como essas, as vítimas seriam induzidas a um medo extremo e a um estado de terror, que as faz se sentir indefesa, impotentes e totalmente submissas. De acordo com o psiquiatra, as vítimas não conseguem ver um meio de fuga e temem por suas vidas, conseqüentemente, qualquer atitude bondosa ou até mesmo a ausência de abuso e espancamento por parte do captor é vista de forma positiva pela vítima.

No entanto, é importante evidenciar que, apesar de Bejerot ser um especialista, a “síndrome” nunca sequer foi oficialmente reconhecida como um diagnóstico clínico válido pelo DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) ou pela CID (Classificação Internacional de Doenças). Na verdade, a ideia se popularizou muito mais por meio da repercussão midiática e do público, que atraiu o olhar internacional, do que pela comunidade acadêmica da psicologia ou da psiquiatria.

Desde sua criação, esse conceito tem sido utilizado para além dos casos com reféns, como em outras situações que não é possível reconhecer imediatamente as características descritas

por Bejerot. Os grupos que são relacionados à síndrome: mulheres que sofrem violência física ou sexual, crianças abusadas, prisioneiros de guerra ou território político, membros de cultos, prisioneiros de campos de concentração e escravos. Com isso, é necessário compreender que o uso desse termo para descrever esses casos se deu mais por efeito da repercussão na mídia do que pelos próprios especialistas. Esse tipo de relação é frequentemente utilizado de forma generalizante.

### **Patty Hearst**

Um exemplo problemático dessa relação é o caso que mais repercutiu na mídia e deu destaque mundial a Síndrome de Estocolmo foi o sequestro de Patty Hearst, neta do magnata da imprensa William Randolph Hearst, ocorrido em 1974, pelo “Exército de Libertação simbiones”. Logo após o sequestro, um vídeo de Patty condenando sua família, noivo e as autoridades veio a público.

Ainda naquele ano, Patty foi fotografada segurando um rifle enquanto roubava, junto aos membros da SLA, um banco em São Francisco. A herdeira foi presa, em 1975 e, durante o julgamento, seu advogado argumentou que sua cliente sofreu uma lavagem cerebral, alegando que ela sofria também da chamada “Síndrome de Estocolmo”. A defesa não teve sucesso, e em 1976 Patty foi condenada a sete anos de prisão. Porém cumpriu apenas 22 meses, pois teve sua sentença comutada pelo presidente Jimmy Carter, que foi convencido de que Patty teria agido por coação.

Esse caso, evidencia como a expressão “Síndrome de Estocolmo” foi utilizada fora do seu contexto original, como uma

tentativa de explicar e justificar o comportamento considerado rebelde de uma mulher jovem, rica e branca da elite norte-americana. Isso mostra como o termo foi e continua sendo difundido de forma vaga e simplista pela mídia e pela cultura popular, mais do que por especialistas e estudos da área da psicologia e da psiquiatria.

### **Repercussões do caso**

#### **Nils Bejerot**

O psiquiatra sueco Nils Bejerot, que atuou como consultor da polícia no assalto ao banco de Norrmalmstorg, em 1973, cunhou o termo “Síndrome de Norrmalmstorg”, que posteriormente passaria a ser conhecido como “Síndrome de Estocolmo”. Ele definiu o conceito como um vínculo afetivo desenvolvido entre o sequestrador e a vítima, a partir de uma suposta “lavagem cerebral” sofrida pelas vítimas.

Embora tenha sido consultor da polícia no momento da negociação com os reféns no assalto ao banco de Norrmalmstorg, Bejerot não entrevistou nem analisou nenhuma das vítimas — fato que posteriormente se tornaria alvo de críticas por parte de alguns estudiosos.

#### **Daniel Lang**

O jornalista estadunidense Daniel Lang, em seu artigo “*The Bank Drama*” (O Drama do Banco), publicado na revista *The New Yorker*, foi o primeiro a registrar de forma detalhada os acontecimentos que culminaram na formulação da “Síndrome de Estocolmo” como diagnóstico psiquiátrico. O jornalista, que

entrevistou os participantes do evento um ano após sua ocorrência, em 1974, afirma que os reféns buscavam preservar sua sobrevivência obedecendo aos comandos dos assaltantes e, ao mesmo tempo, sentiam medo da violência e do descaso por parte da polícia.

Além disso, Lang relata que, paradoxalmente, o medo da polícia — despreparada para lidar com situações de negociação de reféns — era maior do que o medo dos próprios captores.

### **Frederick Hacker**

Em 1976, o psiquiatra e psicanalista Frederick Hacker popularizou a ideia da Síndrome de Estocolmo como patologia nos meios acadêmico e policial, embora o termo tenha sido cunhado por Nils Bejerot. Sua teoria baseia-se na formação de um vínculo entre a vítima e o agressor como um mecanismo inconsciente de defesa.

No entanto, apesar de destacar a síndrome como uma estratégia de sobrevivência, sua hipótese não descarta a afirmação de que a vítima desenvolveu uma disfunção e adquiriu uma patologia — alinhando-se, assim, às interpretações anteriores de Bejerot e Lang.

### **Thomas Strentz**

O psicólogo estadunidense do FBI Thomas Strentz publicou, em 1980, o artigo “*The Stockholm Syndrome: Law Enforcement Policy and Ego Defenses of the Hostage*” [A Síndrome de Estocolmo: Política Policial e Mecanismos de Defesa do Ego do Refém]. Nele, Strentz busca demonstrar que a

Síndrome de Estocolmo constitui uma forma de proteção inconsciente do ego, com base nos conceitos de “identificação com o agressor” e de “regressão”, elaborados por Sigmund Freud e Anna Freud.

Segundo o autor, a identificação com o agressor caracteriza-se pela internalização das características do sequestrador, enquanto a regressão consiste no retorno a um estágio anterior do desenvolvimento psíquico, o que protegeria o ego do colapso diante do trauma causado pela situação de sequestro. Seu artigo recebeu amplo reconhecimento na comunidade acadêmica e influenciou a maioria das teorias posteriores sobre o que viria a ser chamado de “Síndrome de Estocolmo”.

Apesar de a tentativa de associar o conceito da “síndrome” a mecanismos inconscientes de defesa ter sido iniciada por Frederick Hacker, foi Strentz quem popularizou essa abordagem.

### **Celia Jameson**

A relação estabelecida por Strentz é questionada pela autora Celia Jameson em seu artigo “*The ‘Short Step’ from Love to Hypnosis: A Reconsideration of the Stockholm Syndrome*” [O Pequeno Passo do Amor à Hipnose: Uma Reconsideração da Síndrome de Estocolmo], publicado em 2010. Jameson reafirma a teoria da identificação com o agressor, mas ressalta que essa identificação exige a imitação de comportamentos agressivos como forma de proteger o ego contra futuras agressões. No entanto, segundo ela, esse processo não assegura a sobrevivência física da vítima e, portanto, não faz sentido em um contexto de

sequestro, no qual a preservação da vida é o foco central da vítima.

### **Martin Symonds**

O psicólogo clínico estadunidense Martin Symonds, especializado no atendimento a vítimas de crimes violentos, relaciona o comportamento típico da Síndrome de Estocolmo ao conceito freudiano de regressão, entendido como o retorno inconsciente a um estágio anterior do desenvolvimento psíquico.

Esse estágio se assemelha ao comportamento de uma criança que depende de um adulto para a realização de funções básicas de sobrevivência, como se alimentar ou ir ao banheiro — funções que, no contexto do cativo, passam a ser mediadas pelo captor.

Diferentemente dos autores que viam esse comportamento como patológico — como Bejerot, Lang, Hacker, Strentz e Jameson —, Symonds o interpreta como uma resposta estratégica de sobrevivência frente a uma situação de terror extremo.

### **Dee L. R. Graham, Edna I. Rawlings e Roberta K. Rigsby**

As psicólogas Dee L. R. Graham, Edna I. Rawlings e Roberta K. Rigsby são autoras do livro *“Loving to Survive: Sexual Terror, Men’s Violence and Women’s Lives”* [Amar para Sobreviver: Terror Sexual, a Violência dos Homens e a Vida das Mulheres], publicado em 1994. A obra busca desconstruir a noção da “síndrome de Estocolmo” como um desvio psicológico,

originado de forma equivocada e sem metodologia científica por Nils Bejerot.

As autoras defendem que o comportamento associado à síndrome é, na verdade, uma reação adaptativa, uma forma de proteção presente em muitas mulheres que se relacionam com homens abusivos. Para elas, o fenômeno deve ser analisado sob uma perspectiva social e estrutural, e não individual ou patológica.

### **G. Dwayne Fuselier**

O agente do FBI G. Dwayne Fuselier, especialista em negociação de reféns, publicou o artigo “*Placing the Stockholm Syndrome in Perspective*” [Colocando a Síndrome de Estocolmo em Perspectiva], em 1999.

Fuselier argumenta que é necessário compreender a situação de sequestro com uma visão realista. Ele destaca que a mídia frequentemente exagera e patologiza o comportamento das vítimas, o que alimenta um sensacionalismo baseado na ideia de uma “síndrome”.

De acordo com seus estudos, apenas uma minoria dos casos de sequestro apresenta comportamentos compatíveis com a chamada síndrome de Estocolmo. Assim, ela deve ser compreendida como uma exceção, e não uma regra.

### **M. Namnyak**

Os autores M. Namnyak, Elizabeth Sampson, Nicola Tufton, R. Szekely, Michael Toal e Stephen Worboys são responsáveis pela revisão sistemática “*Stockholm Syndrome*:

*Psychiatric Diagnosis or Urban Myth?*” [Síndrome de Estocolmo: Diagnóstico Psiquiátrico ou Mito Urbano?]. O artigo apresenta críticas à noção de síndrome de Estocolmo como uma patologia psiquiátrica. Os autores argumentam que o conjunto de comportamentos associados à “síndrome” é, na verdade, uma construção da mídia, e não um conceito clínico validado com critérios diagnósticos objetivos. Segundo eles, as vítimas não devem ser vistas como “doentes”, mas sim como pessoas emocionalmente afetadas por traumas intensos.

Por se tratar de uma revisão sistemática, que contempla diferentes perspectivas e estudos, o artigo teve grande influência na defesa de uma visão não patologizante das vítimas.

## **Críticas**

### **Falta de bases científicas**

A Síndrome de Estocolmo é um fenômeno baseado no caso do assalto ao banco de Norrmalmstorg em 1973 e observações isoladas, ao invés de estudos psicológicos em ambientes controlados. Observa-se também dificuldade de encontrar semelhanças e padrões em seus casos, o que dificulta a criação de características e faz com que diversos psicólogos e psiquiatras não cheguem a um consenso sobre a veracidade dos diagnósticos da síndrome e inclusive sobre a sua existência.

O primeiro caso noticiado foi baseado em relatos policiais e midiáticos e não em dados científicos e Kristin Ehnmark, que se tornaria a primeira pessoa diagnosticada, nunca sequer foi entrevistada por Nils Bejerot, criminologista e psiquiatra sueco, responsável pelo diagnóstico e criação da síndrome.

Vale ressaltar que, embora seja amplamente conhecida e mencionada em diferentes contextos, a Síndrome de Estocolmo não possui reconhecimento oficial tanto no DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) quanto no CID-10 (Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde) por falta de consenso científico, da natureza multifatorial dos sintomas e da dificuldade em definir critérios diagnósticos claros.

### **Generalização**

Segundo os autores M. C. Astin, K. J. Lawrence, David W. Foy, a síndrome pode ser uma forma de "pensamento ilusório" como estratégia de enfrentamento. A Síndrome de Estocolmo, generaliza e simplifica relações mais complexas, não dando atenção a situações de abusos sistemáticos, coerção, manipulação e relações de dependência complexas entre vítimas e abusadores. Muitos profissionais acreditam que a síndrome se encaixaria melhor como uma variação do Transtorno de Estresse Pós-Traumático e não como sua própria síndrome.

A Síndrome de Estocolmo ignora cenários mais complexos de vínculos traumáticos ou estresses pós-traumáticos, que melhor explicam a inclinação fraternal criada pelas vítimas sob condições de abuso, ignorando uma motivação estratégica de sobrevivência ou mecanismos de defesa naturais da mente e do corpo. O reconhecimento da síndrome implica que há uma maneira certa de responder a situações de cativo, traumas e/ou abuso, ideia que não é apoiada pela comunidade científica.

## **Culpabilização do gênero**

A jornalista australiana Jess Hill, apresenta em seu livro “*See What You Made Me Do: Power, Control and Domestic Abuse*”, a síndrome de Estocolmo como uma "patologia duvidosa sem critérios diagnósticos" e a descreve como "repleta de misoginia e fundamentada em uma mentira". Ela observa que, em muitos casos, os diagnósticos de síndrome de Estocolmo são feitos pela mídia e não por psicólogos ou psiquiatras, o que mostra mais uma vez a natureza problemática da Síndrome de Estocolmo.

Autoras como Kersti Yllo e Michelle Bograd discutem como a síndrome de Estocolmo tem sido usada para patologizar as respostas das mulheres ao abuso, sugerindo que suas reações são resultado de uma condição psicológica, em vez de uma resposta compreensível a situações de abuso por elas vivenciadas.

O psicoterapeuta, Allan Wade, também tece críticas à criação da Síndrome de Estocolmo como uma invenção para desacreditar nas vítimas de violência, especialmente mulheres, ao invés de reconhecer suas experiências reais de abuso e coerção.

Kristin Enmark, a primeira pessoa a ser diagnosticada com Síndrome de Estocolmo, em sua entrevista ao podcast Memory Motel (2016), disse ter se sentido culpada e invalidada e relatou que viu seu como diagnóstico uma censura e culpabilização da vítima e acredita que o seu gênero trouxe uma saída fácil para situação, sendo mais simples desacreditar uma mulher, ao reconhecer a falha qualitativa do serviço de segurança local.

## Diagnósticos midiáticos e aplicações legais

O diagnóstico de Síndrome de Estocolmo é frequentemente utilizado na mídia e em processos judiciais. Sendo articulado para sugerir uma irracionalidade e/ou cumplicidade por parte das vítimas, justificar atos criminosos (transformando os acusados em vítimas), diminuir o sofrimento baseando-se no gênero ou generalizar uma situação pós-traumática.

Mesmo não sendo reconhecido pela comunidade científica, o uso do diagnóstico de maneira ampla traz forças à teoria, difundindo-a midiaticamente no imaginário internacional. A credibilidade que ganhou essa teoria, contribui para a perpetuação da patologização de comportamentos, emoções e situações, que são erroneamente categorizados.

### Referências

ADORJAN, M.; CHRISTENSEN, T.; KELLY, B.; PAWLUCH, D. Stockholm Syndrome as Vernacular Resource. *The Sociological Quarterly*, v. 53, n. 3, p. 454–474, dez. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1533-8525.2012.01241.x>.

FABRIQUE, N.; ROMANO, S. J.; VECCHI, G. M.; VAN HASSELT, V. B. Understanding Stockholm Syndrome. *FBI Law Enforcement Bulletin*, v. 76, n. 7, p. 10–15, 2007.

FUSELIER, G. D. Placing the Stockholm Syndrome in Perspective. *FBI Law Enforcement Bulletin*, v. 68, n. 7, p. 22–25, jul. 1999.

GRAHAM, D. L. R.; RAWLINGS, E. I.; RIGSBY, R. K. *Loving to Survive: Sexual Terror, Men's Violence, and Women's Lives*. Nova Iorque: NYU Press, 1994. 346 p.

HERR, M. *Dispatches*. Nova Iorque: Knopf, 1977. 272 p.

JAMESON, C. The "Short Step" from Love to Hypnosis: A Reconsideration of the Stockholm Syndrome. *Journal for Cultural Research*, v. 14, n. 4, p. 337–355, out. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1080/14797581003765309>.

LAWRENCE, M. A. *The Vietnam War: A Concise International History*. Oxford: Oxford University Press, 2008. 224 p.

LIMEIRA, E. M.; ROCHA NETO, A. S.. A síndrome de Estocolmo nos casos de violência doméstica contra a mulher. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação (REASE)*, Santa Cruz do Irupe, v. 10, n. 11, p. 2937–2961, nov. 2024. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v10i11.16685>. Acesso em: 04 jun. 2025.

NAMNYAK, M. et al. 'Stockholm syndrome': psychiatric diagnosis or urban myth? *Acta Psychiatrica Scandinavica*, v. 117, n. 1, p. 4–11, jan. 2008.

PSICOPSI. *Psicopatologia del síndrome de Estocolmo*. Disponível em: <https://www.psicopsi.com/psicopatologia-del-sindrome-de-estocolmo/>. Acesso em: 07 maio 2025.

RICHARDSON, C. *The Myth of Stockholm Syndrome: Dr. Allan Wade*. YouTube, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0D968d7CRAY>. Acesso em: 08 jun. 2025.

ROSZAK, T. *The Making of a Counter Culture: Reflections on the Technocratic Society and Its Youthful Opposition*. Berkeley: University of California Press; Nova Iorque: Doubleday & Co., 1969. 346 p.

STRENTZ, T. Law Enforcement Policies and Ego Defenses of the Hostage. *FBI Law Enforcement Bulletin*, v. 48, n. 4, p. 1–12, 1979.

SYMONDS, M. Victim Responses to Terror. *Annals of the New York Academy of Sciences*, v. 347, p. 129–136, 1980.